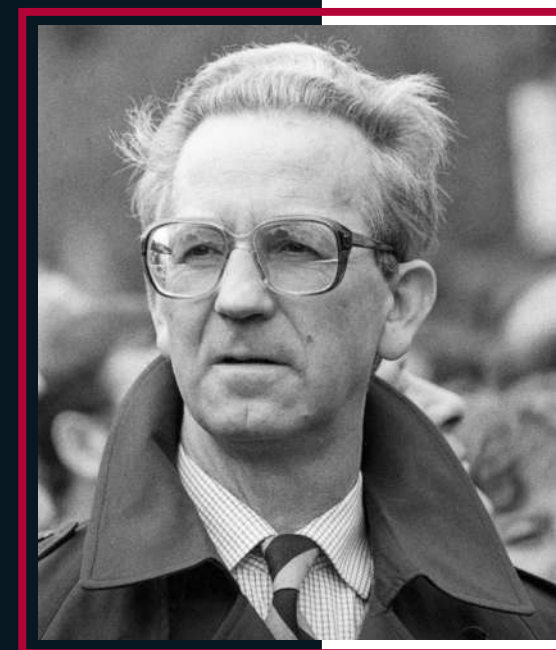




Carlos Aboim Inglez

1930 – 2002

POLÍTICO



Carlos Aboim Inglez

POLÍTICO

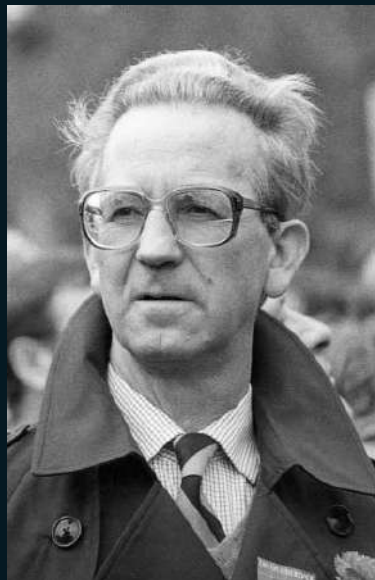
1930 – 2002

O nome de Carlos Aboim Inglez, intelectual, militante e dirigente do Partido Comunista Português, defensor da liberdade, que dedicou toda a sua vida à luta contra a ditadura e aos ideais da democracia permanece incontestavelmente na história portuguesa, razão pela qual o município de Lisboa o consagra com a atribuição do seu nome a uma rua.

A Vereadora,



Ana Sofia Bettencourt





Boca do Inferno 1940 – Carlos Aboim Inglez (o 1.º de baixo) com os pais e os irmãos – Maria Isabel, Maria Luísa, Maria Margarida e António

Carlos Hahnemann Saavedra Aboim Inglez militante e dirigente comunista, homem de acção, um ser humano complexo, um homem apaixonado, com um ar severo, mas capaz de grande amizade e ternura, nasceu a 5 de Janeiro de 1930 em Lisboa. Nascido no seio de uma família grande, tinha quatro irmãos e era filho de Carlos Lopes Aboim Inglez, engenheiro e Maria Isabel Aboim Inglez, professora universitária.

Das suas recordações de infância e que influenciaram a sua formação como pessoa fazem parte a sua família, o facto de ter vivido a sua infância e juventude em Alcântara e a época em que viveu, a ditadura salazarista e a II Guerra Mundial.

A sua família era antifascista e progressista, o seu avô paterno foi ministro da República que foi perseguido pelo fascismo e o seu pai estava ligado à maçonaria e a movimentos antifascistas. Porém quem o marcou mais profundamente foi a sua mãe. Carlos Aboim Inglez descrevia-a como uma mulher com um espírito independente: "A minha mãe não era comunista. Mas o seu pensamento e a sua inclinação eram todos nesse sentido. Sempre colaborou com o PCP, mas profundamente independente."⁽¹⁾

Quando o seu pai ficou doente a mãe foi tirar o Curso de Letras, tendo já na altura os cinco filhos. Foi perseguida por ser antifascista e não ser religiosa, pertenceu à Comissão Central do MUD e por isso foi presa várias vezes. Em 1949, o colégio que era seu, foi fechado e a situação de vida para a família tornou-se muito difícil. "Não só demitiram a minha mãe da Faculdade, como lhe fecharam o colégio, como ainda lhe "cassaram"

⁽¹⁾ "Entrevista com Carlos Aboim Inglez" In *Esboços*, n.º1, CML, pág.8

os diplomas de professora, o que a impediu de exercer a sua profissão. A minha mãe teve de mudar completamente de rumo. Montou um atelier de costura, pois tinha muito jeito, e sobreviveu alguns anos como modista."⁽²⁾ Este exemplo e os acontecimentos ocorridos influenciaram-no desde muito novo.

Também o bairro onde viveu e o ambiente que aí se vivia foram importantes para a sua formação. Das suas recordações fazem parte os cafés onde ia com os seus amigos, os bailaricos, as docas, os estaleiros, a Companhia Colonial de Navegação, as oficinas da Carris, as metalurgias, as fábricas da CUF nas Fontainhas, dos chocolates Regina, a fabrica dos Alfinetes.

Assistiu a grandes lutas e greves operárias em Alcântara, nomeadamente, em 1945 à manifestação da Vitória que começou em Alcântara, foi pelas Docas, passou por Santos, na Rua de São Paulo, pelo Rossio e na Avenida da Liberdade.

O bairro onde vivia era predominantemente operário mas tinha também uma série de institutos e de escolas, existindo assim uma grande massa de estudantes. O convívio entre estes dois grupos, os estudantes e os operários, sucedia principalmente nos cafés.

Carlos Aboim Inglez recorda a existência de um café, situado defronte das instalações da Carris, que frequentava e onde acabou por entrar para o PCP, em fins de 1946, tinha ele apenas 16 anos. O ambiente vivido em Alcântara contribuiu para que aderisse plenamente ao PCP, que era considerado o Partido da classe operária.

Logo que entrou para o Partido iniciou um círculo de estudos sobre marxismo que consistia na leitura de obras de Marx, Lenine e outros e que depois eram discutidas pelo grupo que se compunha de 4 a 5 estudantes e 2 a 3 operários.

As suas actividades no Partido começaram a ser desenvolvidas através do MUD Juvenil. O Movimento de Unidade Democrática Juvenil tratava-se principalmente, de um movimento unitário, unificado e autónomo da juventude democrática, que procurava traduzir os seus problemas específicos e as suas reivindicações e assim correspondia aos anseios democráticos e ao desejo de liberdade.

⁽²⁾ Idem, pág. 9

Carlos Aboim Inglez conta que "uma grande actividade que o MUD Juvenil desenvolvia era nas colectividades populares. (...) Conheci essas colectividades todas pelo trabalho do MUD Juvenil, que tinha uma imensa actividade cultural, de convívio e de animação cultural nas colectividades. (...) Eram sobretudo actividades culturais bastante variadas: ciclos de conferências, exposições, grupos de teatro, bibliotecas, etc. Portanto, era uma actividade muito intensa aquela que o MUD Juvenil desenvolvia ali em Alcântara e por todo o país. Actualmente, depois do 25 de Abril, a juventude pode ter dificuldade em compreender estas coisas de ter uma biblioteca, fazer um grupo de teatro, publicar um pequeno boletim cultural, fazer umas conferenciazinhas sobre o que é a vida, e outras coisas. Nessa altura era actividade política, era uma actividade cultural, progressista num Estado profundamente obscurantista e com uma censura férrea. Estas mais simples e mais anónimas actividades culturais eram perseguidas pela polícia. Este trabalho, que hoje é uma coisa natural, normal e faz parte da vida das pessoas, naquela altura não era assim."⁽³⁾

O ano de 1949, mais precisamente no dia 15 de Janeiro no Largo de Alcântara, foi marcado pela sua primeira prisão, que esteve relacionada com a campanha de Norton de Matos.

Uma das acções de campanha consistia em propaganda pública de rua e distribuição de documentos e foi justamente durante esta distribuição que Carlos Aboim Inglez foi preso. "Prenderam-me no Largo de Alcântara e depois levaram-me para a esquadra do Calvário, daí é que fui então para a PIDE. O PIDE que me prendeu, e os outros, desataram aos pontapés, aos insultos e aos murros. Comecei logo ali a ter a primeira imagem. É claro que ia cheio de medo quando ia para a PIDE, mas confiante de que não ia denunciar ninguém."⁽⁴⁾ E realmente acabou por não denunciar ninguém e foi libertado passados quatro dias, após uma campanha de solidariedade antifascista que exigiu a sua libertação.



No 50.º aniversário do MUD Juvenil

⁽³⁾ Idem, pág. 11 e 12

⁽⁴⁾ Idem, pág. 13

Durante o tempo que esteve na prisão do Aljube, houve um episódio que marcou bastante o jovem de 19 anos que teve a sua primeira experiência na prisão, o ter encontrado um outro preso, António Almeida, que tinha a cara toda ensanguentada por ter estado 40 horas a apanhar pancada.

Neste mesmo ano, ao entrar para a Faculdade para frequentar o curso de Ciências Histórico-Filosóficas, que nunca chegou a terminar por ter sido várias vezes preso, integrou a Direcção Universitária do MUD Juvenil, que tinha como actividade estimular a recriação ou a activação das Associações de Estudantes, muito perseguidas na altura. Carlos Aboim Inglez participou na recriação da Associação Académica da Faculdade de Letras, que foi realizada através de um processo bastante complexo.

Data desta época as primeiras reuniões entre as várias associações de estudantes de Lisboa, que primeiro se chamaram Comissões Interassociações – CIA e posteriormente as Reuniões Interassociações – RIA. Iniciaram-se também as primeiras actividades comuns entre as três universidades do país – Lisboa, Porto e Coimbra.

Carlos Aboim Inglez tinha ainda outras tarefas no Partido, tarefas clandestinas relacionadas com o contacto com os militantes, receber a quotização, distribuição do jornal "Avante!".

Voltou a ser preso novamente em Novembro de 1950, desta vez por causa de uma questão relacionada com a Paz e a comemoração do Armistício a 11 de Novembro. Foi outra vez preso em 1951, por denúncia, por causa de uma campanha pela paz, contra a bomba atómica, contra a NATO, por um pacto de paz entre as potências. Nesta prisão acabou por ser espancado para denunciar a organização do MUD Juvenil – quem eram os outros das várias escolas, os aderentes que existiam. "Metem-me lá numa saleta (um chefe de brigada e um outro agente da PIDE) e a primeira coisa que me disseram foi para tirar os óculos, e eu não os tirei. (...) Como não os tirei tiraram-me eles e começaram ao murro e ao pontapé. Espancaram-me a sério. Feriram-me e abriram um lenho na boca, que deitava sangue e tudo. Não sei se me saltou um dente, sei que fiquei com um rasgão e a deitar sangue da boca. Continuei sempre a dizer: "Sou aderente do MUD Juvenil, movimento legal de defesa dos interesses da juventude. Recuso-me a responder, recuso-me a responder". E não lhes disse mais nada."⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ Idem, pág. 21

Quando saiu da prisão começou a trabalhar na Livraria Portugal em Lisboa por causa de dificuldades financeiras que a sua família vivia. Trabalhou aqui até 1953, onde conheceu alguns intelectuais portugueses, nomeadamente Armindo Rodrigues, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, entre outros. Acabou por também na Livraria ter uma actividade relacionada com o Partido: a encomenda de livros proibidos pelo regime do Estado Novo, principalmente os clássicos marxistas (Marx, Engels, Lenine, Staline, etc.) revistas progressistas, livros do Garaudi, do Politzer, entre outros.



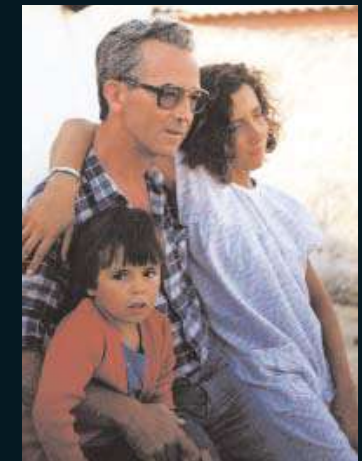
Festa do Avante 1981, com a mulher Maria Adelaide Dias Coelho



Com as filhas Margarida e Isabel 1997

Em 1953, o MUD Juvenil e o Partido encarregaram-lhe de dirigir a delegação portuguesa ao Festival Mundial da Juventude em Bucareste. Havia no entanto algumas dificuldades que precisava resolver, nomeadamente, o facto de ter sido preso várias vezes e por isso estar já bastante "queimado", o estar empregado e a outra o ter começado a namorar com a sua futura mulher, Maria Adelaide Dias Coelho.⁽⁶⁾ Resolveu então abandonar o emprego e casar-se para poder viajar já casado e quando voltasse, como contava ser preso, poder manter o contacto com ela.

Antes mesmo de sair do País, na fronteira de Valença foi parado por um PIDE que o levou preso e o recambiaram para Lisboa. Aqui começou outra vez a procurar emprego, tendo conseguido um, na Livraria Simões Lopes, no Porto. Ligou-se então ao MUD Juvenil no Porto e continuava a viajar para Lisboa de comboio



Com a filha Isabel e o neto João 1984

⁽⁶⁾ Maria Adelaide Dias Coelho Aboim Inglez era irmã de José Dias Coelho, um grande amigo de Carlos Aboim Inglez e o seu contacto no PCP. José António Dias Coelho nasceu em Castelo Branco a 1923 e faleceu em Lisboa, assassinado por um agente da PIDE, em 19 de Dezembro de 1961. Escultor, desenhador e pintor José Dias Coelho fez parte do MUD juvenil, tendo participado em várias lutas estudantis em 1947. Lutou pela criação da Associação Académica, em defesa da paz e contra a reunião do Pacto do Atlântico em Lisboa em 1952.

para as reuniões. O emprego na Livraria não resultou e pouco depois regressa a Lisboa aquando das eleições para a Assembleia Nacional. Alugou a segunda sede do MUD Juvenil, na Rua dos Anjos que após o período eleitoral foi fechada pela PIDE, que por sua vez começou a persegui-lo.

Entrou assim para a clandestinidade, para um organismo que envolvia a juventude, os intelectuais, o movimento da paz, ficando responsável pelo movimento da juventude e o Sector Intelectual de Lisboa. Enquanto esteve na clandestinidade teve várias tarefas. "Lembro-me que a primeira tarefa que tive, ainda antes destas depois mais estabilizadas, foi ir alugar um palacete para Sintra (aqueles palacetes tipo moradia, isolados, com um jardim à volta) para a realização de uma série de reuniões de quadros do Partido que trabalhavam em movimentos unitários. Fui com a minha mulher, nesse Inverno de 53, alugar esse palacete. Pode parecer simples, mas era muito difícil alugar uma casa, clandestino."⁽⁷⁾

Foi novamente preso em Abril de 1953 numa rua em Lisboa juntamente com Pedro Soares, da direcção do Partido que acompanhava o organismo a que Aboim Inglês pertencia. Um ano depois voltou a ser preso com o Pedro Soares, tendo estado 15 dias no Aljube e sido transferido depois para Caxias, onde estavam Joaquim Gomes, Pedro Soares, Francisco Miguel, Vasco Cabral e outros militantes. Durante esta prisão colaborou na fuga de Pedro Soares e Joaquim Gomes. Esta experiência prisional foi descrita pelo próprio e por ela é possível conhecer um pouco melhor a vida nas prisões e a solidariedade entre os presos, nesta época: "Deviam estar nessa altura uns 200 presos em Caxias. Desses 200 presos, 180 tinham-se portado perfeitamente bem, só 20 é que tinham fraquejado. E havia espancamentos, particularmente de camponeses do Alentejo, lá na própria cadeia. A malta que estava nas salas começava a protestar e a fazer barulho para defender os nossos companheiros. E assim foi, houve um espancamento na secretaria e nós começamos a gritar, a bater com toda a força nas portas, para protestar. Mas um dos presos que foi castigado, foi o Joaquim Gomes. Levaram-no de castigo para um dos "segredos" de Caxias, com paredes grossíssimas de 4 a 5 metros e que ficava precisamente ligado à nossa própria sala. E então nós começamos a falar através de pancadinhas na parede."⁽⁸⁾

⁽⁷⁾ Idem, pág. 29

⁽⁸⁾ Idem, pág. 32 e 33

Lisboa, 15 de Junho de 1954

meu querido filho Carlos:

Como de costume fui costumeiramente visitar-te, mas foi-me comunicado, por volta das 15^h e 30^h, que não podias nesse dia ter visitas, por "castigo" não sei de quê. Então vade a casa aqui comentar o facto, e lembrando-te em apuro para te preparares se necessitares de alguma coisa que que eu possa ajudar-te. Como sabes, não posso não pôr um impedimento a contactos com a família, pelo que, enquanto não puder visitar-te, deixo que não sejas de meu escrever.

Outra coisa que foi possível ras o advogado que já está em liberdade foi falar contigo, tendo-me sido negado a visita que necessitava fazer-te a fim de tratar contigo a cerca da instrução contra Dória, cujo prazo para ser requerida, como sabes, termina amanhã. Foi-lhe porém dito que podias

Carta escrita por sua mãe Maria Isabel Aboim Inglês de 15/06/1954 quando Carlos Aboim Inglês se encontrava em "castigo" incommunicável



Cartaz editado pelo MUD Juvenil exigindo a libertação de Carlos Aboim Inglês, em 1954



Gravura em linóleo de José Dias Coelho 1954

Foi absolvido no julgamento que ocorreu entre os dias 10 e 18 de Outubro e, onde mais uma vez, existiu uma grande campanha de solidariedade para com os presos e pela sua libertação.

Nos anos seguintes de 1955–1956 empregou-se como delegado de propaganda médica e empregado de escritório.

A sua actividade como militante do PCP continuou e em 1956, serviu de ligação entre a direcção do Partido e os jovens estudantes comunistas que estavam integrados na luta estudantil contra o decreto 40900, que visava dificultar e acabar com as Associações de Estudantes.

No ano seguinte voltou à clandestinidade e participou no 5.º Congresso do PCP, que se realizou numa moradia no Estoril. Este Congresso ficou conhecido pela "solução pacífica" que apresentou do problema político português. Foi também a primeira vez que o PCP assumiu a posição de defender o direito à imediata e completa independência das colónias portuguesas.

Integrou como membro suplente o Comité Central do PCP em 1958, embora não chegasse a participar em qualquer reunião por ter sido preso a 14 de Junho de 1959. Esta foi a sua prisão mais longa, pois só saiu a 27 de Julho de 1967, e onde foi torturado, a sua casa assaltada, a sua mulher e



Foto da PIDE aquando da sua última prisão em 16/06/1959

filha igualmente presas. A filha acabou por ser entregue à sua mãe e a mulher foi julgada e condenada a um ano de prisão. Carlos Aboim Inglês foi julgado em 1960 e condenado a oito anos de prisão maior, 15 anos de perda de direitos políticos e sujeito a "medidas de segurança" de 6 meses a 3 anos. Durante o tempo em que esteve preso foi castigado por ser chefe de sala⁽⁹⁾ e travou várias lutas, juntamente com outros presos.

Entretanto em finais de 1961 foi transferido para a cadeia de Peniche, onde aconteceram também muitas lutas para aliviar o regime prisional, para reclamar tempo de recreio e convívio em comum, visitas e contacto com a família, autorização para entrar alimentos na cadeia, receber jornais inteiros e ter rádio e televisão.

Um ano após a sua libertação foi para Moscovo, onde viveu até 1974, para ser tratado de vários problemas de saúde, juntamente com a sua família. Aqui estabeleceu contactos com membros dos Partidos Comunistas de países socialistas e com outros que passavam por Moscovo, foi a conferências internacionais e colaborou em jornais e revistas soviéticas com artigos sobre Portugal.



Cadeia de Peniche | Natal de 1964

⁽⁹⁾ Em cada sala da cadeia os presos nomeavam um deles para os representar em assuntos junto dos funcionários da cadeia.



Foto da PIDE aquando da sua libertação

Quando eclode no dia 25 de Abril, a Revolução que trouxe o fim da repressão fascista e da ditadura, Carlos Aboim Inglez estava em Moscovo a trabalhar na sua secretária quando ouviu a primeira notícia, pela rádio, do golpe militar, e logo começou a telefonar para os portugueses que estavam em Moscovo, que foram acompanhando de todas as rádios de todo o mundo e de todas as agências noticiosas o que se ia passando em Portugal.

Carlos Aboim Inglez regressou a Portugal em Maio de 1974. A sensação de aterrar no aeroporto da Portela é descrita pelo próprio de forma bastante emocionada: "Fiquei extraordinariamente emocionado, como é evidente. Sobretudo, não me esquece a sensação de alegria que eu via nas caras de toda a agente. E todos a falarem livremente com todos. Uma imensa

alegria! Uma coisa que eu nunca tinha visto! E eu ainda com os reflexos do clandestino, de ter que olhar para trás. Mas não, aquilo era um mar de gente com alegria nos rostos e tudo a comunicar uns com os outros."⁽¹⁰⁾



Festa do 50.º aniversário do PCP – Março de 1971 na Escola Internacional de Ivanova (URSS) onde se encontravam filhos de presos políticos e clandestinos de diversos países, com crianças portuguesas.

⁽¹⁰⁾ Idem, pág. 50



Centro de trabalhadores de Almada 1975 – (foto Júlio Diniz)

Em Portugal, após o 25 de Abril inicia uma vida inteiramente nova, uma vida intensa, democrática, os melhores anos da sua vida, como ele considerou.



Na Assembleia da República

Foi eleito deputado à Assembleia da República em 1976, 1979 e 1980 e foi Vice-Presidente do Grupo Parlamentar do PCP. Foi também eleito deputado pelo PCP para o Parlamento Europeu.

De membro suplente do Comité Central passou a membro efectivo, após 1974. Foi membro da Comissão Central de Controlo e Quadros e da Comissão Central de Controlo do Comité Central do PCP. Foi responsável pelo Sector Intelectual do Partido entre 1975 a 1986.



Comício do PCP no Campo Pequeno
7/12/1975



Comício da Direcção da Organização Regional de Lisboa, Pavilhão dos Desportos em 1/2/1979



Comício do PCP | Pavilhão dos Desportos em 8/2/1985



Encontro do PCP sobre problemas da educação e ensino em 22-23 de Abril de 1978



Congresso do PCP Porto | Palácio de Cristal 6-8 de Dezembro de 1996

Publicou numerosos artigos sobre questões internacionais, o desenvolvimento do capitalismo e da globalização capitalista, sobre questões ligadas aos intelectuais e sobre filosofia em diversos jornais como o "Avante!", "O Diário", "Militante" e em revistas internacionais e nacionais como "Seara Nova" e "Vértice".

Morreu no dia 12 de Fevereiro de 2002 tendo dedicado toda a sua vida à causa dos trabalhadores e aos ideais do socialismo e da democracia.

Albano Nunes, do secretariado do Comité Central, recorda-o como um lutador. "Creio que devo assinalar que morreu de pé. (...) O camarada Aboim Inglez foi de convicções firmes, um lutador toda a vida, um daqueles homens que são os tais indispensáveis, sem os quais o 25 de Abril não teria sido possível, nem o socialismo seria, como pensamos que é, uma certeza que temos no horizonte."

Manuel Gusmão refere a seu propósito o seguinte: "Ele era um ser humano complexo. Como todos os seres humanos? Sim, mas há alguns em que tocamos mais de perto a vibração dessa complexidade. Era um homem apaixonado, e a veemência em que se incendiava aparecia a alguns como um traço autoritário, quando não era disso que se tratava, mas sim de ser um homem da razão apaixonada."⁽¹⁾

Era um intelectual comunista que dedicou a sua vida à causa da classe operária e de todos os trabalhadores. Era um apaixonado pela cultura, tendo ao longo de décadas escrito poemas, onde procurava o rigor. Após a sua morte foi editado pelas Edições Avante! Um livro de poesia "Soma Pouca" com um Posfácio de Manuel Gusmão e onde Carlos Aboim Inglez explica que foi escrevendo poesia "como muitos outros".



22.º Aniversário
JCP | Voz do
Operário 17/11/2001

⁽¹⁾ Manuel Gusmão, "Carlos Aboim Inglez e o Desejo de Poesia" In *Soma Pouca*

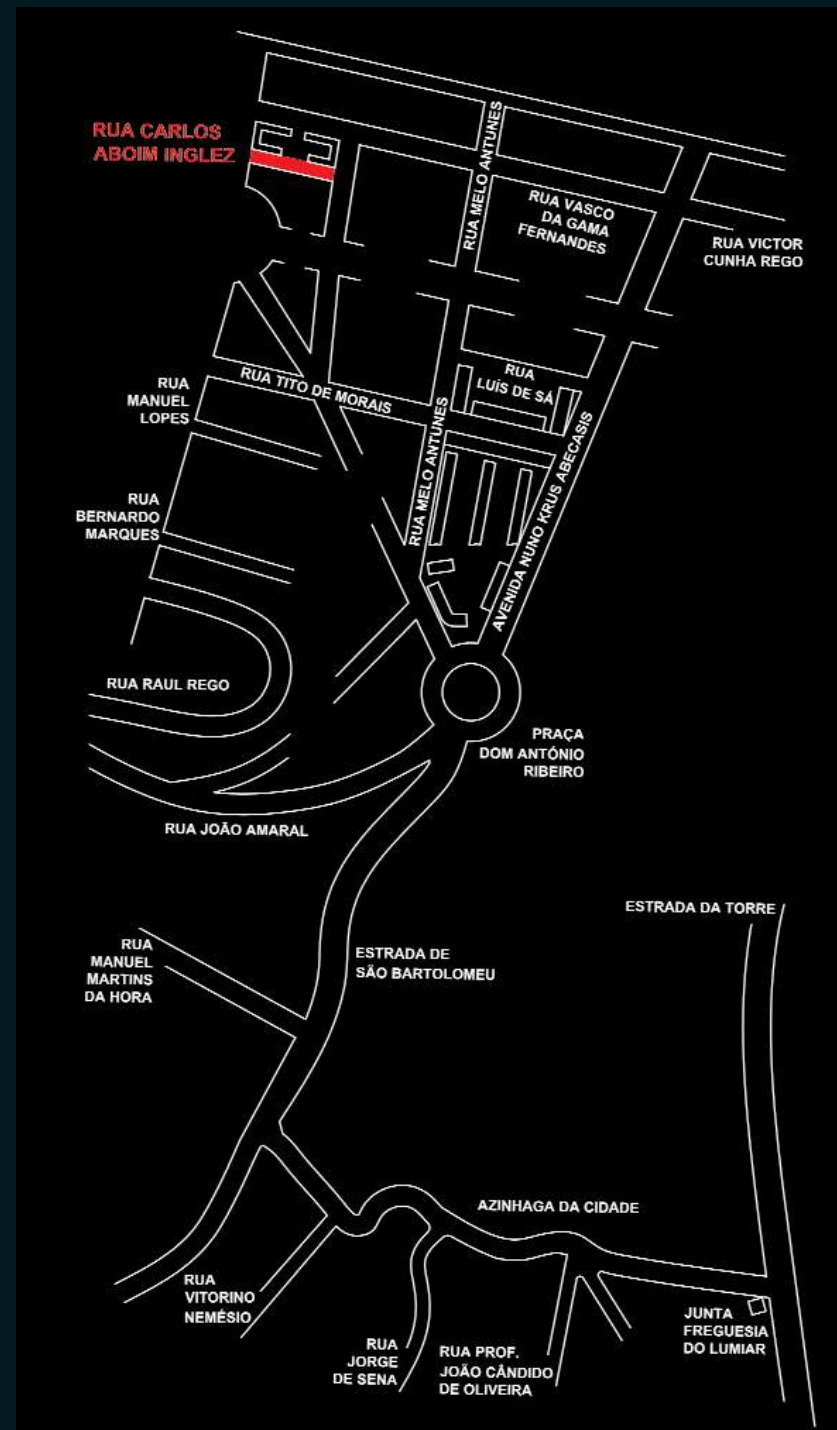
Sozinhos, que somos nós?
 Gota de água diminuta
 sumida da terra enxuta.
 Nem a sede de uma boca
 pode assim ser saciada,
 porque sós não somos nada,
 nem fonte de nenhum rio,
 nem onda do mar ou espuma,
 maré de coisa nenhuma.

Gota a gota a terra bebe,
 rompe o ventre e verte um fio,
 cresce a fonte e faz-se rio.
 Quantas rotas tem o mar?
 Quantas vagas a maré?
 Quem as conta perde o pé.
 Gota a gota. Cada é pouca.
 Mas se a vida é una e vária
 cada gota é necessária

Mesmo sós sejamos sempre
 uma gota no caudal
 diminuta, fraternal.

Carlos Aboim Inglez, "Uma Gota no Caudal" In *Soma Pouca*

O empenhamento e a dedicação de Carlos Aboim Inglez permanecem na história portuguesa, como marca indelével e exemplo de vida e por isso a Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua na freguesia da Charneca, no Alto do Lumiar.



Bibliografia

Fotos cedidas por Margarida Aboim Inglez

Aboim Inglez, Carlos, *Soma Pouca*, Ed. Avante!, 2003

“Entrevista com Carlos Aboim Inglez” In *Esboços*, n.º 1, CML

<http://www.pcp.pt/partido/anos/testemu/octpato.html>

<http://www.pcp.pt/avante/20020221/473t1.html>

<http://www.pcp.pt/avante/20020221/473t2.html>

http://tsf.sapo.pt/online/portugal/interior.asp?id_artigo=TSF70321

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa
Comissão Municipal de Toponímia

TÍTULO

Carlos Aboim Inglês

TEXTOS

Teresa Sancha Pereira

COORDENAÇÃO

António Trindade

DESIGN GRÁFICO

Paula Albuquerque

COLABORAÇÃO GRÁFICA

Albino Teresa

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

Isilda Marcelino

TIRAGEM

2000 ex.

ANO

2005

DEPÓSITO LEGAL

N.º 221745/05

EXECUÇÃO GRÁFICA



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
DMSC / DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS GERAIS
I M P R E N S A M U N I C I P A L